



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

BRUNA ESTHER DA SILVA ANDRADE

**REEDIÇÃO DO LIVRO *O GUIA DE SOBREVIVÊNCIA PARA
PORTADORES DA SÍNDROME DE ASPERGER*, DE MARC SEGAR**

Rio de Janeiro/RJ

2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

BRUNA ESTHER DA SILVA ANDRADE

**REEDIÇÃO DO LIVRO *O GUIA DE SOBREVIVÊNCIA PARA
PORTADORES DA SÍNDROME DE ASPERGER*, DE MARC SEGAR.**

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Produção Editorial.

Orientadora: Prof^ª. Andréia Resende

Rio de Janeiro/RJ

2023

REEDIÇÃO DO LIVRO “GUIA DE SOBREVIVÊNCIA PARA PORTADORES DA SÍNDROME DE ASPERGER, DE MARC SEGAR”

Bruna Esther da Silva Andrade

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Produção Editorial.

Aprovado por

Documento assinado digitalmente
 ANDREIA DE RESENDE BARRETO VIANNA
Data: 18/12/2023 12:34:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a. Ms. Andréia de Resende Barreto Vianna– orientadora

Documento assinado digitalmente
 MARIO FEIJO BORGES MONTEIRO
Data: 18/12/2023 16:27:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Mário Feijó Borges Monteiro

Documento assinado digitalmente
 SAMUEL FLORENSIO RODRIGUES OTAVIANO
Data: 19/12/2023 09:29:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Ms. Samuel Florensi Rodrigues Otaviano

Aprovada em: 15 de dezembro de 2023

Grau: 10,0

Rio de Janeiro/RJ

2023

CIP - Catalogação na Publicação

A553r Andrade, Bruna Esther da Silva
Reedição do livro O Guia de Sobrevivência para
Portadores da Síndrome de Asperger, de Marc Segar /
Bruna Esther da Silva Andrade. -- Rio de Janeiro,
2023.
34 f.

Orientadora: Andréia Resende.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da
Comunicação, Bacharel em Comunicação Social: Produção
Editorial, 2023.

1. Autismo. 2. Asperger. 3. Marc Segar. 4.
Comunicação acessível. 5. Design Editorial. I.
Resende, Andréia, orient. II. Título.

Dedico este trabalho a meus aluninhos parceiros no TEA. Que mais do que sobrevivência, possam desfrutar de uma vida plena e abundante. Deixe a inclusão e a compreensão prevalecerem.

AGRADECIMENTO

Agradeço ao Senhor, por glorificar o Seu nome em mim apesar do autismo e através do autismo;

À Eliane, minha mãe e à memória de Walter, meu pai, por não pouco suor, sangue e lágrimas dedicados à minha educação;

À memória de Marc Segar, por deixar tão preciosa informação antes de partir, e à todos os que colaboraram para que um dia eu pudesse ter acesso à ela;

Aos meus aluninhos do Dept. Infantil do Ministério Evangélico Novo Ser, que também tem TEA e foram a principal motivação para que eu não desistisse deste projeto. Às minhas amigas e aos irmãos dessa minha querida igreja, por todas as orações e apoio;

Às “amiguinhas”, por me fazerem virar gente; À minha família, em especial minha prima Débora por ouvir minhas reclamações;

À minha psicóloga, Stephane, cujo trabalho foi fundamental para o desenvolvimento e conclusão desse projeto.

À minha orientadora, Prof.^a Andréia Resende, por toda a paciência e compreensão com minhas inúmeras falhas;

E à Deus, novamente, pela graça de ter tanto a agradecer.

ANDRADE, Bruna Esther da Silva. **Reedição do livro *O Guia de Sobrevivência para Portadores da Síndrome de Asperger*, de Marc Segar.** Orientadora: Andréia Resende Vianna. Rio de Janeiro, 2023. Monografia (Graduação Em Produção Editorial) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 35f.

RESUMO

O objetivo deste projeto é fazer uma nova publicação em português do livro *O Guia de Sobrevivência para Portadores da Síndrome de Asperger*, escrito por Marc Segar (1997). Esta nova versão tem por desafio adaptar algumas informações da versão original, levando em conta o tempo e o lugar desta nova publicação, refinar o texto da última versão brasileira, e editar o livro em um formato apropriado para distribuição on-line. As escolhas editoriais levaram em conta a acessibilidade, tanto do público autista, a quem o livro se destina, quanto ao público geral, com o objetivo de ser uma leitura de fácil acesso à maior parte possível da população.

Palavras-chaves: Autismo; Asperger; Marc Segar, Design Editorial; Comunicação acessível.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O ESPECTRO: O AUTISMO E O <i>ASPIE</i>	13
2.1 O Transtorno do Espectro Autista	13
2.2 A Síndrome de Asperger.....	14
2.3 Implicações do TEA no dia a dia.....	15
3.1 A singularidade do “Guia”.....	17
3.2 Por que reeditar o “Guia” de Segar?.....	18
4. PROJETO GRÁFICO.....	21
4.1 Estrutura Textual.....	21
4.2 PDF vs. EPUB	22
4.3 Tamanho da Página.....	24
4.4 Mancha Gráfica.....	24
4.5. Tipografia.....	25
4.6 Capa	28
4.7 Diagramação	30
REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por dificuldades na socialização, na comunicação, no processamento de estímulos e no comportamento. Apesar de estar popularmente associado a crianças, o autismo é um transtorno que acompanha o indivíduo durante toda a sua vida.

Dentro do espectro autista, alguns indivíduos têm a cognição preservada ou até mesmo esta pode ser considerada acima da média da população, o que os permite ser incluídos na vida social comum a seus pares não autistas.

Embora à primeira vista isso pareça ser uma grande vantagem, essa “inclusão” acaba gerando inúmeros problemas, afinal todo o transtorno gerado pelo autismo continua presente, impactando de forma significativa a vida dos indivíduos com TEA e daqueles que o cercam. Além disso, é comum que a deficiência passe despercebida, o que leva o autista a ter cobranças, externas e internas, a pensar e agir com a mente de um neurotípico (pessoa que não tem transtornos do neurodesenvolvimento) para não ser excluído de seus grupos sociais.

Da década de 1980 até 2014, pessoas com as dificuldades características do autismo e sem prejuízo intelectual recebiam o diagnóstico de portadoras da Síndrome de Asperger. Sendo considerados “esquisitos” ou “excêntricos” pelas pessoas neurotípicas, os *aspies*, como se denominavam, encontraram em comunidades on-line uma forma de ter contato uns com os outros, trocando experiências e dicas para “sobreviver” em um mundo tão alheio às suas dificuldades e limitações. Foi essa necessidade que inspirou o jovem Marc Segar (1974-1997) a fazer um compilado de instruções para que outros jovens autistas conseguissem integrar-se à vida comum sem passar pelas mesmas dificuldades que ele.

Em seu livro, lançado em português como *O Guia de Sobrevivência para Portadores da Síndrome de Asperger*¹, Segar colocou explicações que poderiam ser consideradas bobas ou óbvias por um neurotípico, mas que apenas um autista poderia saber que seriam de grande ajuda para outro. Por isso, sua vontade era que esse livro fosse lido pela maior quantidade possível de pessoas.

Por todo o mundo, várias pessoas têm se esforçado em fazer cumprir esse desejo. Aqui no Brasil, os esforços são de Maurício Ferrão e Jorge Albuquerque, que fizeram a primeira e segunda publicação, respectivamente, em fevereiro e abril de 2008. Entretanto, o tempo e suas mudanças de tecnologia e costumes, bem como a localidade diferente do texto original, são

¹ A última versão em português pode ser encontrada em: <https://autismofrases.files.wordpress.com/2021/10/guia-sobrevivencia-asperger.pdf>

apenas uma ameaça para a realização do desejo de Segar. A dificuldade no acesso e compreensão das informações contidas no *Guia* representam também uma grande perda para a comunidade autista e seus apoiadores.

Assim, proponho neste projeto uma reedição do *Guia*, no qual busco levantar questões problemáticas da última versão brasileira publicada. Acredito que o exercício de um olhar crítico construído ao longo da formação em Produção Editorial em conjunto com o olhar da minha vivência como autista, me permitem enxergar o valor desta obra e o que pode ser feito para melhorar sua experiência de leitura e acessibilidade.

Começo descrevendo o TEA no capítulo 2: suas implicações, características e a mudança no diagnóstico da Síndrome de Asperger. Em seguida, o capítulo 3 traz um breve apanhado das publicações sobre o autismo, explicando a singularidade do *Guia* de Segar e as razões que motivaram a sua reedição. O capítulo 4 relata as justificativas para as escolhas editoriais e gráficas do livro, que levaram em conta as necessidades do público alvo, os autistas, mas que também procuraram ser amigáveis a outros públicos.

2 O ESPECTRO: O AUTISMO E O ASPIE

2.1 O Transtorno do Espectro Autista

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), popularmente conhecido como autismo, é uma condição neurológica caracterizada por dificuldades em três áreas: socialização, comunicação e comportamento. Este é um transtorno do desenvolvimento infantil, cujos sintomas permanecem ao longo de toda a vida do indivíduo afetado. Não existe cura e até o momento não se tem certeza sobre quais seriam as causas.

Atualmente, o autismo é classificado em três níveis: leve, moderado e severo, de acordo com o nível de suporte externo necessitado. É daí que vem o termo “espectro” associado ao transtorno, por causa da variada intensidade que os sintomas podem ser manifestados. Alguns autistas dependem de seus cuidadores por toda a vida, até para os cuidados mais básicos de seu dia a dia. Outros vivem com independência, constituem família e trabalham, apesar de sentirem desajustes socioemocionais. Neste último caso, é comum que passem toda vida sem saber de sua condição. De fato, o nível de comprometimento causado pelo autismo é tão amplo, que o autismo leve era considerado uma condição separada (Síndrome de Asperger) até 2014. Outras sete condições também foram incluídas dentro do diagnóstico de TEA, são elas: autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação e transtorno desintegrativo da infância (APA, 2014, p. 50-59).

Nos últimos anos o autismo vem, pouco a pouco, ganhando maior visibilidade. Filmes, séries e grupos nas redes sociais, além de um maior apelo social por inclusão, têm contribuído para que um público mais abrangente se familiarize com o tema. Se por um lado é excelente que seja difundida informação sobre o TEA, também pode ser um problema a forma com que essa informação é transmitida. Em muitos artigos não é citado que o autismo é uma síndrome espectral. Esta simples omissão impede o reconhecimento da multiformidade do autismo, dando a impressão de que todo autista tem os mesmos traços, os mesmos comportamentos, as mesmas habilidades e, principalmente, as mesmas comorbidades. Expressões como “ele nem parece autista” ou “ela é muito inteligente para ser autista” são um reflexo dessa popularização com conhecimento parcial, que acaba por enxergar o autismo exclusivamente dentro de um modelo estereotipado, que não é condizente com a realidade de uma boa parte da comunidade autista.

2.2 A Síndrome de Asperger

A “Psicopatia Autística” foi identificada em 1944 pelo pediatra austríaco Hans Asperger (1906-1980). Em seu estudo, ele observou crianças com alto nível de inteligência e linguagem, mas com dificuldades de integração social. Entretanto, o trabalho de Asperger permaneceu quase completamente desconhecido da comunidade médica até 1976, quando a psiquiatra inglesa Lorna Wing (1928-2014) publicou um artigo associando a síndrome descrita por Hans Asperger ao Autismo descrito por Leo Kanner (1894-1981) em 1943. Wing percebe similaridades entre os dois grupos e conclui que as duas patologias são variantes da mesma anormalidade, em seu ponto mais leve e mais grave, respectivamente. A partir de então a “psicopatia autística” passou a ser conhecida como “síndrome de Asperger” e a se tornar mais conhecida na comunidade médica (DIAS, 2015).²

Desde a década de 1980 até 2014, ano da publicação da 5ª edição do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5), a Síndrome de Asperger era entendida como um diagnóstico correlato, porém distinto do autismo. Ao longo desses 30 anos, as pessoas diagnosticadas com Síndrome de Asperger se dedicaram a construir diversas plataformas de suporte mútuo, como grupos de apoio, blogs, sites, comunidades em redes sociais etc. Mais do que uma síndrome, o diagnóstico se tornou uma questão de identidade (JONES, 2020)³. Assim, como uma forma de autorreconhecimento e autoafirmação dentro dessas comunidades, surgiu o termo *aspie*: ao invés de ter Síndrome de Asperger, a pessoa é *aspie* (GILES, 2013)⁴.

A comunidade ainda está se adaptando à exclusão dessa nomenclatura determinada pelo DSM-V. Uma quantidade considerável de publicações atuais voltadas para ou criada por autistas leves ainda utilizam o termo “Asperger” como forma de identificação, sem contar os materiais um pouco mais antigos, que usam os termos alternadamente. Apesar de sair do Cadastro Internacional de Doenças em 2022, pode ser esperado que a antiga nomenclatura ainda seja usada informalmente por algum período.

² DIAS, Sandra. Asperger e sua síndrome em 1944 e na atualidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v.18, n.2, p. 307-313, jun. 2015. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/r1pf/a/9WR3H6wHtdktmJpPkyLcJYs/?lang=pt>>.

³ JONES, Sandra. How the loss of Asperger syndrome has lasting repercussions. *Spectrum News*, 2020.

Disponível em: <<https://www.spectrumnews.org/opinion/viewpoint/how-the-loss-of-asperger-syndrome-has-lasting-repercussions/>>

⁴ GILES, David C. ‘DSM-V is taking away our identity’: The reaction of the online community to the proposed changes in the diagnosis of Asperger’s disorder. *Health*, 2013. Disponível em:

<https://www.researchgate.net/publication/237059620_%27DSM-V_is_taking_away_our_identity%27_The_reaction_of_the_online_community_to_the_proposed_changes_in_the_diagnosis_of_Asperger%27s_disorder>

2.3 Implicações do TEA no dia a dia

Como dito anteriormente, o autismo é um transtorno que afeta a linguagem, a socialização e o comportamento. Por este motivo, a capacidade de aprendizagem intuitiva é prejudicada. Explicando nas palavras de Marc Segar (2008, p. 46): “pessoas autistas têm de compreender cientificamente o que já as pessoas não-autistas podem compreender instintivamente”. Indivíduos com a forma leve do autismo costumam levar uma vida social aparentemente normal, mas carregam consigo transtornos e dificuldades que podem se manifestar no cotidiano por meio de alguns sintomas descritos na tabela a seguir.

Implicações do TEA no dia a dia	
SINTOMAS	IMPLICAÇÕES
Interesse restrito em um ou poucos tópicos	Há dificuldade em iniciar ou manter uma conversa em assuntos diversos.
Dificuldade em compreender linguagem indireta ou não-verbal	Sinais de interesse, tédio, incômodo ou mesmo perigo podem passar despercebidos.
Necessidade de previsibilidade	Extrema ansiedade em situações que fujam do planejamento ou da rotina.
Crises de desregulação	Situações sociais ou sensoriais podem causar um estresse tal que o autista não consegue lidar, reagindo irracionalmente com crises de choro, gritos, agressividade, automutilação e, em alguns casos, um estado catatônico provisório.
Comunicação extremamente literal	Problemas na compreensão de ironias, expressões populares, frases com pequenos erros de formulação.
Pensamento Lógico	Má compreensão de pensamentos ou ações por motivações emocionais ou aleatórias.
Dificuldade de alternar a atenção entre parte e todo	Foco excessivo em detalhes de pouca importância ou nenhuma percepção de detalhes. Isso também pode levar a textos e relatos prolixos ou muito resumidos.
Hipo ou hipersensibilidade sensorial	No caso das hipersensibilidades, há um estresse extremo com situações normais do dia a dia, como etiquetas de roupas ou ruídos. Já a hipossensibilidade expõe o autista a riscos, por exemplo, hipotermia ao usar roupas finas num dia frio.
Tabela criada a partir dos dados de APA, 2014 ⁵	

⁵ Ver “Transtorno do Espectro Autista”: <https://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>

O auxílio externo é imprescindível para ajudar o próprio autista e seus cuidadores a lidar com situações como as citadas acima e muitas outras que podem surgir como resultado das dificuldades provocadas pelo TEA. Psicólogos e psiquiatras que se especializam nessa área são de grande importância, mas mesmo esses podem não ser capazes de ajudar em algumas questões, por simplesmente não saber que o paciente lida com elas (NEWSON *In*: SEGAR, 2008, p.8)⁶. É nesse ponto que a comunidade *Aspie* assume um papel crucial: por viver essas dificuldades na própria pele e aprender a lidar com elas, geralmente às custas de muitos erros, pessoas autistas podem usar essas comunidades para ajudar umas às outras a identificar e contornar essas situações.

⁶ Elizabeth Newson (1929-2014) foi uma especialista em autismo, professora no departamento de psicologia do desenvolvimento na Universidade de Nottingham, UK.

3 OS “PORQUÊS” DA ESCOLHA DO LIVRO

3.1 A singularidade do *Guia*

Como dito anteriormente, a troca de experiência de vida entre autistas é um meio de aprendizagem fundamental, especialmente para adultos do espectro. Entretanto, essa realidade ainda não se reflete no meio editorial brasileiro. Em uma rápida busca no site da Amazon pelo termo “Autismo guia”, diversos resultados retornam. Entretanto, a esmagadora maioria dos resultados pertinentes, ou seja, excluindo-se as ficções e os livros em língua estrangeira, pode ser encaixada em três categorias:

- Livros sobre o autismo – que tratam do autismo como doença, explicando acerca das possíveis causas do transtorno e da origem psiquiátrica dos sintomas.
- Livros sobre crianças autistas – em geral, explicitamente direcionados a pais, professores e profissionais dedicados a crianças autistas ou com elementos na capa que remetem ao universo infantil, tal como imagens ou desenhos de crianças, brinquedos etc.
- Livros voltados à comunidade médica – focados em critérios de diagnóstico e manejo clínico do TEA.

Fora dessas categorias, há o livro *Crianças de Asperger: as origens do autismo na Viena nazista*, de Edith Sheffer, que narra a história do descobrimento da síndrome de Asperger. Dentre os resultados que não se encaixam nos termos citados acima, chama a atenção o e-book *Guia Prático para Autistas Adultos: como não surtar em situações do cotidiano*, de Daniela Sales. Na descrição, a autora se declara autista e remete a outras pessoas que tenham ou suspeitam ter o TEA, prometendo ensinar, através de suas próprias experiências, a “não surtar” diante dos desafios do transtorno. Apesar de o título ser quase idêntico ao da obra de Segar, o conteúdo é muito diferente. O texto é, na verdade, uma autobiografia. Mesmo sendo uma boa leitura, não pode ser considerado um guia, uma vez que não pretende fornecer as ferramentas com abrangência necessária para que outras pessoas lidem com o transtorno, dando apenas um relato subjetivo da vivência do autismo, e de seu diagnóstico tardio. O objetivo do livro é bem demonstrado no trecho abaixo:

Não vou escrever aqui a definição oficial de autismo, pois o objetivo deste livro é justamente mostrar a realidade de quem está dentro do espectro e não o que está nos livros de medicina ou psicologia. Convido você leitor a descobrir o que é autismo na

sua visão. Para mim o autismo sou eu, é a minha forma de ver a vida, de ver o outro, de ver e sentir o mundo. (SALES, 2019, *e-book*)⁷

O Guia de Sobrevivência para Portadores da Síndrome de Asperger, nome dado à versão brasileira de *Coping: a Survival Guide for people with Asperger Syndrome*, escrito por Marc Segar preenche essa lacuna: é propriamente um guia, com informações sistematizadas voltadas para auxiliar adultos a lidar com os transtornos causados pela Síndrome de Asperger, ou autismo leve, na forma de manual. O autor, sendo também autista, usa a vivência das próprias dificuldades, da dificuldade de colegas no espectro e de suas famílias e também das orientações dadas por profissionais como fonte para elaborar as instruções do livro. São contadas as histórias do conhecimento do autor apenas quando servem como exemplificação das lições, ao contrário da obra de Sales, que apresenta majoritariamente as lições que podem ser obtidas através da experiência pessoal narrada. Além disso, o foco é o auxílio na vida prática, seguindo o mesmo formato que lembra o manual de algum equipamento eletrônico. É por essas questões que o livro de Marc Segar é único e a sua reedição é de extrema relevância para a comunidade autista. Ele pode contribuir socialmente para o reconhecimento da capacidade dos autistas de falarem e lerem por si mesmos, contrariando uma ideia pré-concebida e estereotipada de que uma pessoa portadora do autismo seja dependente absoluta dos cuidadores ou profissionais de saúde mental.

3.2 Por que reeditar o *Guia de Segar*?

Apesar de ser considerada uma excelente obra por muitos da comunidade autista, o *Guia de Segar* não está isento dos efeitos do tempo e da tradução. Tendo sido escrito há quase vinte e cinco anos, é natural que muitos conselhos estejam desatualizados. Além disso, a edição brasileira foi feita com boa intenção, mas com alguns deslizes. O primeiro tradutor, Maurício Ferrão traduziu erroneamente algumas expressões idiomáticas: por exemplo, o título do capítulo *Coming clean*, que foi traduzido como “limpando a imagem”, sendo que o sentido original da expressão é mais próximo de falar a verdade, abrir o jogo. Jorge Albuquerque revisou a tradução, resolvendo essas questões e algumas outras, trazendo para o português trechos que foram suprimidos na primeira versão. Albuquerque também adicionou conselhos de sua autoria, assim como era desejado pelo autor do *Guia*. Ainda assim, essa segunda

⁷ SALES, Daniela. Guia prático para autistas adultos: como não surtar em situações do cotidiano. 2019. *Ebook* auto-publicado. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Guia-Pr%C3%A1tico-para-Autistas-Adultos-ebook/dp/B07YP1122L/ref=sr_1_1?_mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=N_A2LJ3XRXE47&keywords=daniela+sales&qid=1692830992&srefix=daniela+sales%2Caps%2C196&sr=8-1>

versão apresenta alguns trechos confusos, por causa de uma tradução literal ao invés de uma tradução que busque privilegiar termos mais usuais no português brasileiro. Um exemplo dessa situação é o trecho “Quando as pessoas desobedecem a estas regras não escritas, por vezes acabarão com elas(...)”, que dá margem a uma interpretação ambígua sobre quem irá acabar, as regras ou as pessoas. O sentido original do trecho é que a desobediência de algumas regras não terá consequências.

Outro problema frequente foi a preservação da construção adjetivo+substantivo, que é padrão da língua inglesa, mas pode atrapalhar a fluidez da leitura em português, já que não é a formação mais usual oralmente. Um exemplo dessa construção pode ser encontrado logo na introdução: “Para escrevê-lo embasei-me também em **benéficos e construtivos comentários** que venho recebendo de pais de outras pessoas autistas” (SEGAR, 2008, p. 10, grifo meu).

A presença de parágrafos muito longos, algumas vezes causados pela tradução, já que o inglês tende a ser mais sucinto que o português, outras vezes causados pelas inserções do segundo tradutor, também precisa de revisão. Não são raros os parágrafos com mais de 600 caracteres, sendo que poderiam ser facilmente divididos em mais tópicos para melhorar a compreensão e a experiência de leitura, lembrando da dificuldade que autistas costumam ter com um grande bloco de informações.

Além dessas questões textuais, a formatação dessa edição pode não ser a mais adequada para a realidade atual. Na época, em 2007, apenas 24% dos domicílios brasileiros tinham computador. Entretanto, um número menor ainda tinha acesso à internet: 17%. Apenas cerca de 2,5% da população utilizava o celular para acessar a internet (Nic.br, 2007, p. e 20)⁸. Ou seja, o acesso à rede era realizado majoritariamente por meio dos computadores. Assim, fazia sentido que o texto fosse compartilhado em formato A4, que se adapta bem às telas dos monitores. Em 2023 o número de domicílios com computadores subiu para 45%, mas 83% dos lares já têm acesso à internet. Essa diferença é explicada pelo uso dos smartphones: quase 60% dos usuários, acessam a internet exclusivamente pelo celular. Mesmo entre todos os usuários da rede, apenas 1% não utiliza o celular para estar online (Nic.br, 2020, p.12, 17, 23, 24)⁹. Considerando que o formato A4 não é proporcional à tela do celular e comporta muito texto para uma tela pequena, a leitura torna-se inadequada, especialmente quando para um público sensível a detalhes.

Levando-se em conta todas essas questões, somando ainda a mudança de classificação da própria Síndrome de Asperger e a relevância desse texto para a sociedade e seus

⁸ Ver <https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-2007.pdf>

⁹ Ver <https://cetic.br/pt/arquivos/domicilios/2020/domicilios/>

integrantes atípicos, fica clara a necessidade de uma reedição do *Guia de Sobrevivência para Portadores da Síndrome de Asperger*.

4. PROJETO GRÁFICO

O autor, Marc Segar, deixou registrado o seu desejo em relação à finalidade da obra: repassar o seu conhecimento a outros autistas. Para que a publicação pudesse chegar ao maior número de pessoas possível, o livro foi publicado sob domínio público, possibilitando a divulgação on-line, transformado em e-book, traduzido e reeditado em várias línguas. É com base nessas colaborações, especialmente a publicação on-line, a primeira tradução em português e a revisão dessa tradução, que este trabalho pode ser apresentado.

Tendo em mente o objetivo do autor, o fator decisivo em relação às escolhas referentes ao projeto gráfico foi a acessibilidade. Numa compreensão amplificada, a preocupação foi de trazer um texto que atendesse as necessidades do público alvo, os autistas, mas que também fosse facilmente disponível ao público geral. A primeira preocupação foi abordada ao decidir a mancha gráfica, a tipografia, especialmente em relação ao uso ou não de serifas, e as escolhas textuais. Já a segunda preocupação foi abordada na escolha do formato de página e no formato de fechamento do arquivo a ser publicado, como será explicado a seguir.

4.1 Estrutura Textual

O material original de Marc Segar foi escrito em formato de tópicos, o que foi mantido, com exceção de alguns parágrafos que se tornaram subtópicos. Além de conversar adequadamente com a proposta de “guia”, a estrutura de tópicos ajuda a dividir o texto em parágrafos mais curtos, o que facilita a leitura para pessoas que tenham dificuldade de concentração prolongada.

Exemplo da estrutura de tópicos

- Se alguém diz algo que soa ofensivo no sentido literal, como "Sua cara é muito feia", mas com uma risada e um sorriso, então eles estão fazendo uma brincadeira. Geralmente você precisa captar isto rapidamente.
- Talvez o mais difícil tipo de mentiras você vai encontrar são provocações que alguém lhe diz como uma brincadeira para ver se você acredita ou não delas. Se o que elas acabaram de dizer é altamente improvável ou as pessoas à sua volta estão se esforçando para não rir, é provavelmente que seja uma brincadeira.
- Se for o caso, contradiga-os rindo. Se você se mostrar inseguro sobre saber se eles estão ou não caçoando de você, eles poderão ver isto como um sinal de vulnerabilidade. Lembre-se que eles provavelmente nunca vão admitir que eles estejam brincando com você, não importa o quão sério você perguntar.
- As pessoas podem começar a tentar persuadi-lo a fazer algum tipo de espetáculo. Por exemplo, podem pedir-lhe para fazer uma dança ou

51

Elaboração Própria

4.2 PDF vs. EPUB

A primeira escolha do projeto gráfico foi o formato de fechamento do arquivo de publicação. O PDF e o EPUB são formatos populares para a publicação de livros digitais, cada um com suas características específicas.

De acordo com a Adobe Systems, empresa responsável pelo desenvolvimento do PDF (Portable Document Format), o formato foi desenvolvido para exibir e compartilhar documentos com segurança, independentemente de software, hardware ou sistema operacional (PDF, 2022)¹³. Tanto computadores como smartphones e e-readers são capazes de

¹³ O que é PDF? *Adobe*, 2022. Disponível em: < <https://www.adobe.com/br/acrobat/about-adobe-pdf.html>>.

abrir documentos em formato PDF, na maioria das vezes sem a necessidade de instalação do leitor da Adobe (Adobe Acrobat Reader). Os próprios aparelhos já possuem leitores de PDF instalados no software nativo ou ainda outros aplicativos de uso frequente conseguem abrir arquivos no formato, como por exemplo, o navegador de internet Google Chrome. Quando um documento é exportado nesse formato, ele se torna ineditável: todas as propriedades definidas pelo editor, como tipografia, corpo e entrelinha do texto, tamanho e proporção da página, não podem ser alteradas pelo leitor. Ainda que o aplicativo leitor de PDF da Adobe disponibilize o modo de leitura líquida, que “aprimora o layout do PDF e adiciona recursos dinamicamente para ajudar você a ler facilmente os documentos em seu telefone e tablet”¹⁴, essas configurações não são capazes de alterar o arquivo original e não estão disponíveis para todos os tipos de arquivo.

Já o EPUB, formato desenvolvido em uma iniciativa da IDPF (International Digital Publishing Forum)¹⁵, permite essa flexibilidade. Nele, a página se adapta ao tamanho da tela do dispositivo utilizado, e também é possível alterar o tamanho da fonte do texto, pois o software de leitura ajusta as quebras de linha automaticamente. Essas e outras personalizações são possíveis porque o EPUB foi criado para ser um livro digital. O problema deste formato é que ele só é conhecido por leitores de livros digitais, que, segundo a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (2020), 47% da população alfabetizada brasileira nunca sequer ouviu falar (FAILLA, 2021, 99)¹⁶.

A princípio, o EPUB se mostraria uma opção muito mais acertada, uma vez que é possível que o leitor-autista adeque o texto às suas necessidades particulares. Entretanto, para alguns grupos, a escolha deste formato pode inviabilizar a leitura. Isso porque, entre o público geral, não habituado à leitura digital, o formato pode ser totalmente novo. Uma ação simples – instalar, abrir e configurar o leitor EPUB – pode ser bastante complicada para alguém com menos destreza tecnológica, especialmente sendo o primeiro contato dessa pessoa com o aplicativo e o formato.

Por isso, ainda que o EPUB seja considerado por muitos profissionais de editoração como o melhor formato para leitura de livros digitais, o arquivo em PDF foi escolhido ser mais adequado para cumprir o desejo de Segar: que a obra seja lida pelo maior número possível de pessoas.

¹⁴ Ver “Ajuda do Acrobat para Android”: <https://www.adobe.com/devnet-docs/acrobat/android/br/lmode.html>

¹⁵ Ver <https://idpf.org/>

¹⁶ FAILLA, Zoara (org.). Retratos da leitura no Brasil 5. Instituto Pró-Livro, 2021. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>.

4.3 Tamanho da Página

Devido às especificidades do formato escolhido (PDF), foi preciso pensar com cuidado a respeito do tamanho e da proporção da página do documento. Foi levado em conta que, como já citado anteriormente, o celular é o meio de acesso à internet mais comum entre os brasileiros (Nic.br, 2020)¹⁷. Também de acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, entre os leitores de livro digital, 73% usam o celular para esse fim (FAILLA, 2021, p.102)¹⁸. Por este motivo, as escolhas em relação ao formato foram pensadas visando o conforto de quem acessa o texto por uma tela pequena, como a de um smartphone comum. Mantendo a proporção de 9:16, a mais comum em smartphones *android*, o formato do livro foi definido em 99x176mm. Esse formato mantém uma métrica vinculada ao impresso, que é a referência utilizada nas orientações de manuais de acessibilidade, como o da Irlanda do Norte (GUIDANCE, c2023)¹⁹.

4.4 Mancha Gráfica

Uma vez que o livro foi pensado especialmente para leitura em celular, essa preocupação afeta a determinação da mancha gráfica. Um estudo demonstrou que autistas têm menos força nos músculos das mãos do que seus pares neurotípicos (KERN, 2013, p. 5)²⁰. Sendo assim, é possível que, ao segurar o telefone celular, seja comum uma compensação posicional, usando duas mãos para segurar o aparelho. Ou ainda, no caso do uso de uma única mão, ao invés de apoiar o aparelho celular nos dedos, suportando o peso com o dedo mínimo, o smartphone seja apoiado na palma da mão, que tem um grupo muscular e ósseo mais potente e os dedos dão um suporte extra, segurando o aparelho como uma “garra”. Pensando nisso, as margens laterais são de 12mm à esquerda e 10mm à direita no arquivo original, espaço suficiente para que o apoio dos dedos não atrapalhe a visualização da página. A margem inferior tem um espaço de 10,4mm, pensado para que a eventual necessidade de apoiar o aparelho não atrapalhe a leitura. Como não é usual que haja necessidade de suporte na parte superior, essa margem foi definida em 6mm, mais estreita que as demais.

¹⁷ Mais dados em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2020_coletiva_imprensa.pdf

¹⁸ <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>

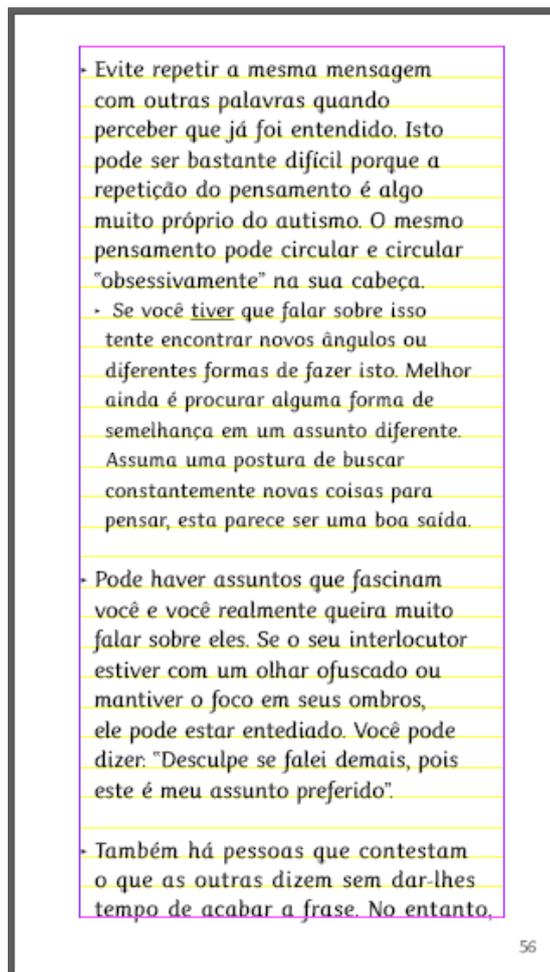
¹⁹ Ver <http://www.niassembly.gov.uk/visit-and-learning/autism-and-the-assembly/useful-information/guidance-for-assembly-staff-on-involving-people-with-autism-in-committee-meetings-and-events/#:~:text=Preparing%20a%20document,size%2018%20font>.

²⁰ KERN et al. Handgrip Strength in Autism Spectrum Disorder Compared With Controls. The Journal of Strength & Conditioning Research, 2013. Disponível em: <https://journals.lww.com/nsca-jscr/fulltext/2013/08000/handgrip_strength_in_autism_spectrum_disorder.30.aspx>.

O corpo do tipo foi definido através de testes de leitura no celular. O corpo 12 pontos foi o escolhido por possibilitar uma leitura confortável sem que a tela do aparelho precisasse estar muito próxima ao rosto.

Já a entrelinha foi definida conforme a orientação de Janan & Wray (2012 apud SERIN, p. 35) de manter-se entre 1.15 a 1.5 vezes em relação ao tamanho da fonte. Levando em conta o desenho da tipografia escolhida e a aparência geral do projeto, a entrelinha foi definida em 1,3 vezes o corpo do tipo (15,6pt).

Corpo de texto e grade da linha de base



Elaboração Própria

4.5. Tipografia

De acordo com o tipógrafo Robert Bringhurst (2005, p. 31), a tipografia deve servir ao leitor convidando-o à leitura, revelando e esclarecendo o texto e induzindo-o a um estado de repouso energético, que é a condição ideal de leitura. Um dos maiores desafios deste projeto foi escolher uma tipografia adequada levando este princípio de Bringhurst em consideração. É

sabido que as distinções sensoriais do TEA afetam a forma de ver o mundo, e consequentemente, de ler o mundo. As diferenças de processamento cerebral entre autistas e neurotípicos é tal que é possível dizer que, ao invés de um repouso energético, a tendência é que leitores autistas estejam em uma agitação letárgica (WATANABE, REES, MASUDA; 2019, p. 2)²¹.

Apesar de existirem alguns estudos em relação a como a tipografia afeta a leitura em outras neurodivergências, como TDAH e dislexia, não há muito material que fale sobre esse assunto dentro do TEA. Manuais de acessibilidade como o *Gaia: Um guia de recomendações sobre design digital inclusivo para pessoas com autismo* (PICHILIANI, 2020)²² e o manual de boas práticas para assembleias envolvendo autistas do governo da Irlanda do Norte (GUIDANCE, c2023)²³ indicam a utilização de tipografia não serifada para a elaboração de um material mais acessível, pois o texto composto nesse tipo de fonte teria melhor legibilidade. Entretanto, não é fornecida nenhuma referência do porquê desta característica tipográfica ser mais adequada ou confortável para autistas.

O designer Efecan Serin, criador da tipografia *Accessible*²⁴, desenvolvida especialmente para atender as necessidades de autistas na leitura, encontrou resultados diferentes ao entrevistar profissionais diretamente envolvidos na educação de indivíduos com autismo. Sua pesquisa demonstrou que é muito comum a confusão entre caracteres com desenhos parecidos, por exemplo, b/d, m/n ou l/i. O uso das serifas ajuda a diferenciar as letras, evitando a troca e facilitando a leitura (SERIN, 2019, p. 56-62).

Isso mostra que a preferência dos manuais de acessibilidade por fontes sem serifa não é derivada da experiência dos autistas. É possível que esse seja um pressuposto emprestado da pedagogia, em que, de acordo com Bessemans (2016 apud SERIN, 2019), professores defendem o uso de fontes sem serifa por serem mais simples, sem tantos detalhes e mais

²¹ A pesquisa comparou o funcionamento cerebral entre “autistas de alto funcionamento” e não autistas. Os exames mostraram que a atividade do cérebro era previsível em ambos os grupos. Entretanto, entre autistas, a região responsável pelo processamento sensorial apresentou mais atividade aleatória do que entre os pares neurotípicos. Na região caudal do cérebro, aconteceu o oposto: os cérebros dos autistas tiveram uma atividade mais previsível do que os demais, estando o nível dessa previsibilidade associado ao nível de rigidez comportamental. Ver <https://doi.org/10.7554/eLife.42256>

²² E-book disponível em: <https://www.amazon.com.br/GAIA-recomenda%C3%A7%C3%B5es-digital-inclusivo-pessoas/dp/8547339752>

²³ Ver: <http://www.niassembly.gov.uk/visit-and-learning/autism-and-the-assembly/useful-information/guidance-for-assembly-staff-on-involving-people-with-autism-in-committee-meetings-and-events/#:~:text=best%20fonts%20to%20use%20are%20sans-serif%20>

²⁴ SERIN, Efecan. *Accessible Font A typeface for teaching strategies of autistic individuals based on Latin script*. 2019. Tese (Mestrado em Design Gráfico) – Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha, Instituto Politécnico de Leiria, Caldas da Rainha. Disponível em: <https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/4034/1/Efecan_Serin_thesis_after_recomendation_thesis%20document%20only.pdf>

fáceis de ler. Entretanto, essa defesa também pode ser uma tradição ou baseada em intuição e não um dado científico, uma vez que não há estudos conclusivos sobre essa questão.

Uma vez que foi criada especificamente para autistas, *Accessible* seria uma tipografia ideal a ser utilizada no corpo de texto. Entretanto, o custo da licença inviabiliza sua utilização. Ao pesquisar alternativas, a fonte *Sarakanda*²⁵, de Alejandro Valdez, desenhada para atender a necessidade de leitores disléxicos e com licença de uso livre, mostrou-se uma opção viável.

De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia,

A Dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. (DISLEXIA, 2016).

Ainda que dislexia e autismo sejam transtornos muito diferentes entre si, o desenho da *Sarakanda* seguiu parâmetros semelhantes aos utilizados por Serin no desenvolvimento da *Accessible*. Essa tipografia não tem serifas, como foi aconselhado no trabalho de Serin, mas há a inserção de recursos serifados nos terminais dos caracteres para ressaltar a diferenciação entre pares de tipos semelhantes, dentre eles b/d ou q/p (VALDEZ, 2008).

Há outros elementos pensados na especificidade de leitura de pessoas disléxicas, como a inclinação dos tipos para reforçar o sentido de leitura da esquerda para a direita, que apesar de não se mostrarem necessários para a melhor leitura no autismo, também não atrapalham a funcionalidade de *Sarakanda* para pessoas com TEA. Na imagem a seguir, o autor destaca os marcadores de saída, utilizados para reforçar o sentido e o ritmo de leitura, que são áreas em que os leitores disléxicos apresentam dificuldades.

Terminais de alguns caracteres na fonte *Sarakanda*

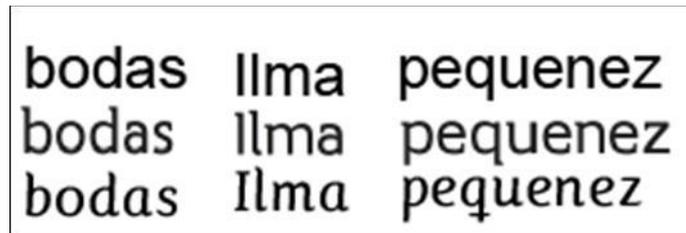


VALDEZ, 2008.

²⁵ VALDEZ, Alejandro. *Sarakanda: tipografía y dislexia*. Tumblr, 2008. Disponível em: <<https://alejandrovaldezsabria.tumblr.com/post/76129387650/sarakanda-tipografia-y-dislexia>>.

A seguir um comparativo entre as fontes *Arial*, indicada pelo GAIA (PICHILIANI, 2020), *Accessible*, desenhada para autistas, e a *Sarakanda*, desenhada para disléxicos.

Quadro comparativo entre as fontes *Arial*, *Accessible* e *Sarakanda*, respectivamente nas linhas 1, 2 e 3.



Elaboração própria.

Nota-se que na fonte *Arial*, ‘b’ e ‘d’ possuem a mesma forma espelhada, assim como ‘p’ e ‘q’. Entre ‘I’ maiúsculo, e ‘l’ minúsculo, não há quase diferença. Já *Accessible* ajuda a quebrar esse “espelhamento” entre os tipos b/d e q/p com a variação nos terminais. *Sarakanda*, por sua vez, adiciona um corte transversal na descendente do ‘q’.

Apesar de o projeto de Valdez (*Sarakanda*) preceder o de Serin (*Accessible*), o primeiro oferece menos opções de variedade. *Sarakanda* não possui variação de pesos ou inclinação, impossibilitando o uso de negrito e itálico como ferramentas de destaque, sendo usado o sublinhado para essa função no projeto.

4.6 Capa

O objetivo pensado para a capa do livro é um projeto que dialogue com os símbolos comumente usados como representação do autismo. A primeira tentativa foi uma associação do quebra-cabeça com a cor azul, que foi descartada porque essa cor foi escolhida como representação da prevalência do autismo na população masculina. Entretanto, o uso dessa cor vem caindo em desuso à medida que o aprimoramento dos critérios diagnósticos está levando a um aumento no reconhecimento do autismo em mulheres (ZELIADT, 2018)²⁶.

O principal símbolo utilizado hoje em dia é o quebra-cabeça colorido, que representa a variedade de sintomas e características do TEA. Entretanto, pelo quebra-cabeças se tratar de um hobby geralmente associado a crianças, em conjunto com as cores, o uso desse símbolo

²⁶ ZELIADT, Nycholette. Autism’s sex ratio, explained. Spectrum News, 2018. Disponível em: <<https://www.spectrumnews.org/news/autisms-sex-ratio-explained/>>

acaba infantilizando a “imagem” do transtorno. Outro elemento simbólico interessante é o girassol, utilizado no cordão de identificação de deficiências ocultas, como é o caso do autismo.



Elaboração própria.

Na capa desta edição do *Guia*, esses dois últimos elementos se misturam. Há um quebra-cabeça colorido, mas de apenas quatro peças: o objetivo é manter a ideia do símbolo original, distanciando-o da ideia de um brinquedo. Um girassol é formado no centro do encaixe das peças. Cada uma delas tem uma das cores do símbolo original do autismo, amarelo, vermelho, azul e verde, e são embaralhadas e distanciadas umas das outras, abrindo um espaço em branco onde o título do livro e o nome do autor são posicionados na fonte *Sarakanda*. A opacidade e o corpo de cada palavra foram determinados de forma que um destaque sutil seja dado às palavras “Sobrevivência” e “Asperger”.

4.7 Diagramação

A diagramação do livro foi feita com o objetivo de manter ao máximo a estabilidade de leitura, sem prejudicar o destaque necessário a determinados elementos, como capítulos ou listas.

Foi definido o alinhamento do texto à esquerda, pois essa opção permitiu um espaçamento mais uniforme entre as palavras, sem que houvesse “buracos” no meio das páginas. Embora a tendência nesse tipo de alinhamento seja que o lado direito da mancha gráfica pareça vazio, isso foi resolvido estabelecendo margens assimétricas, de 12mm à esquerda e 10mm à direita.

Observe nos exemplos abaixo, que o título de capítulo utiliza a mesma tipografia que a capa. Já os títulos de subcapítulos usam a mesma tipografia que o restante do texto, para manter a leitura fluida. O destaque é feito de forma mais discreta, através do tamanho da fonte, do recuo e do espaçamento.

Diagramação das páginas: número e título do capítulo, estrutura de tópicos e subtópicos, grifo sublinhado e fôlio.

<p style="text-align: right;">4</p> <p style="text-align: center;">Distorções da verdade</p> <ul style="list-style-type: none"> - O <u>sarcasmo</u> ocorre quando uma pessoa diz uma coisa que significa exatamente o seu oposto. Por exemplo, uma pessoa, ao ouvir alguém arrotar, pode dizer “nossa, como você é educado”! - O modo mais fácil de identificar um sarcasmo é observando o tom de voz. Por vezes será necessário defender-se da ironia e do sarcasmo, o que será abrangido nos capítulos seguintes. - <u>Não conhecer a verdade</u> é uma razão pela qual as pessoas podem distorcê-la - Uma forma particularmente desagradável de distorcer a verdade ocorre quando uma pessoa <u>atribui a outra a culpa por uma coisa que ela própria fez</u>. Pior ainda é quando alguém faz algo de errado propositalmente com a única finalidade de poder culpar a outra pessoa por isto. <p style="text-align: right;">47</p>	<p>selecionam certas partes da verdade e rejeitam outras propositalmente para a sua própria vantagem (por exemplo, em processos judiciais).</p> <ul style="list-style-type: none"> - Se você precisa descobrir se alguém está mentindo ou não e tiver uma boa razão para fazê-lo, faça-a questões que possam revelar falhas na sua lógica. <p>4.1 Equívocos que outras pessoas podem cometer sobre você</p> <ul style="list-style-type: none"> - Se você tem dificuldades com o contato visual ou a linguagem corporal, algumas pessoas podem erroneamente acreditar que você é tímido ou desonesto. E isso provavelmente está errado. - Se você não der uma resposta corporal à linguagem corporal de outras pessoas, elas podem pensar que você é uma pessoa pouco simpática. - Muitas pessoas podem cometer o erro de achar que você não é inteligente. Isto acontece se você raramente tem a oportunidade de demonstrar sinais <p style="text-align: right;">53</p>
---	---

Elaboração própria.

Na última versão brasileira do *Guia*²⁸, o autor manteve as separações de parágrafo originais, mesmo quando havia adição de informações nesses tópicos, tornando-os muito longos. Nesta nova edição, esses parágrafos foram divididos, usando a categoria “subtópicos” para dividir os trechos sem desvencilhar as informações.

O fólio fica localizado fora do alinhamento da caixa de texto, no canto inferior direito. Durante a leitura, é possível que ele fique escondido sob o dedo do leitor. O objetivo dessa posição é que o leitor não o entenda como mais um elemento a ser lido, mas sim como uma informação extra a ser buscada quando for necessário. Também para minimizar a quantidade de informações na página, não foram utilizados cabeços, prevendo uma leitura contínua pela rolagem vertical no celular.

²⁸ Disponível em: <<https://autismofrases.files.wordpress.com/2021/10/guia-sobrevivencia-asperger.pdf>>

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando o desejo de fazer esta reedição do *Guia* surgiu em meu coração, em 2019, o autismo ainda era apenas uma possibilidade. Hoje, com o diagnóstico oficial, eu sei que a dificuldade de socialização foi a principal responsável pela falta de interação com meus colegas de classe, especialmente no Ensino Fundamental. Durante aquele período, eu não tinha nenhuma companhia, a não ser os livros. Foi o carinho por estes companheiros que me motivou a cursar Produção Editorial. É um imenso prazer poder colocar em prática o aprendizado adquirido no curso em um projeto que é justamente sobre o autismo, que de certa forma provocou meu amor pela leitura.

Embora eu já tenha vencido vários desafios, a conclusão desse projeto foi de longe o maior deles até então. Foram três longos anos. O autismo se tornou muito maior do que eu e pensei que jamais conseguiria vencê-lo. A escrita do relatório foi feita entre lágrimas, as pesquisas entre memórias de um passado em que a falta de conhecimento e suporte adequado causavam inúmeras dores e culpa. As próprias dificuldades do TEA, como falta de concentração, baixa tolerância à frustração e rigidez na rotina também se elevaram como uma muralha de impedimentos. A cada prazo perdido, sentia que esse era um monstro que eu era incapaz de vencer sozinha. A morte do meu amado pai nesse período fez crescer ainda mais o monstro e a solidão.

Mas desistir não era uma opção, pois este não é um projeto apenas para a conclusão de um curso. Há inúmeras vidas que precisam das armas dadas por Segar para atacarem seus próprios monstros, e conhecer pessoalmente algumas dessas vidas foi o combustível para dar continuidade ao desenvolvimento da reedição do *Guia*. A mensagem que este livro carrega é poderosa, para além do texto, pois prova para todos que nós, autistas, não temos apenas deficiências, mas também potenciais.

A conclusão deste projeto também é uma mensagem poderosa para mim. As primeiras versões brasileiras do *Guia* têm muitas falhas porque, apesar de terem sido feitas por autistas, eles não tinham uma formação editorial. Ainda que um editor muito experiente fizesse a reedição, provavelmente outras lacunas se formariam, já que as dificuldades do TEA não são facilmente compreendidas por um neurotípico.

Entretanto, o viver com autismo, aliado com os conhecimentos e habilidades desenvolvidos ao longo da formação editorial, me capacitaram, não só a identificar problemas e resolvê-los, mas ir além das primeiras impressões de recomendações “oficiais”, que se mostraram sem fundamentos depois de mais pesquisa. O desenvolvimento desse projeto me

provou que mesmo as limitações de minha deficiência podem ser combustível para a exploração de um potencial. Acredito que, com a conclusão desse projeto, outras pessoas terão mais facilidade em enxergar isso em si mesmas também.

REFERÊNCIAS

- APA. American Psychiatric Association. **DSM-V. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Porto Alegre: ARTMED, 2014. Disponível em: <<https://www.institutopebioetica.com.br/documentos/manual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>>. Acesso em: 5 maio 2021.
- BRINGHURST, Robert. **Elementos do estilo tipográfico**. 3 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- DIAS, Sandra. Asperger e sua síndrome em 1944 e na atualidade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v.18, n.2, p. 307-313, jun. 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/9WR3H6wHtdktmJpPkyLcJYs/?lang=pt>>. Acesso em: 5 maio 2021.
- FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da leitura no Brasil 5**. Instituto Pró-Livro, 2021. Disponível em: <<https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>>. Acesso em 7 mar. 2022.
- GILES, David C. ‘DSM-V is taking away our identity’: The reaction of the online community to the proposed changes in the diagnosis of Asperger’s disorder. **Health**, 2013. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/237059620_%27DSM-V_is_taking_away_our_identity%27_The_reaction_of_the_online_community_to_the_proposed_changes_in_the_diagnosis_of_Aspenger%27s_disorder>. Acesso em: 6 ago. 2021.
- GUIDANCE for Assembly staff on involving people with autism in Committee meetings and events. **Northen Ireland Assembly**, c2023. Disponível em: <<http://www.niassembly.gov.uk/visit-and-learning/autism-and-the-assembly/useful-information/guidance-for-assembly-staff-on-involving-people-with-autism-in-committee-meetings-and-events/>> . Acesso em 19 maio 2023.
- JONES, Sandra. How the loss of Asperger syndrome has lasting repercussions. **Spectrum News**, 2020. Disponível em: <<https://www.spectrumnews.org/opinion/viewpoint/how-the-loss-of-asperger-syndrome-has-lasting-repercussions/>> Acesso em: 5 maio 2021.
- KERN et al. Handgrip Strength in Autism Spectrum Disorder Compared With Controls. **The Journal of Strength & Conditioning Research**, 2013. Disponível em: <https://journals.lww.com/nsca-jscr/fulltext/2013/08000/handgrip_strength_in_autism_spectrum_disorder.30.aspx>. Acesso em 19 maio 2023.
- NEWSON, Elizabeth. Prefácio. In: SEGAR, Marc. **O Guia de sobrevivência para portadores da síndrome de Asperger**. *Aspienet*, 27 abr. 2008. Disponível em: <<https://autismofrases.files.wordpress.com/2021/10/guia-sobrevivencia-asperger.pdf>>. Acesso em 23 ago. 2023. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br).
- Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros**: pesquisa TIC Domicílios ano 2007, 2008. Disponível em: <<https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/tic-2007.pdf>>. Acesso em 3 mar. 2022.
- Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br). **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros**: pesquisa TIC Domicílios (Edição COVID-19 - Metodologia adaptada), ano 2020, 2021. Disponível em: <<https://cetic.br/pt/arquivos/domicilios/2020/domicilios/>>. Acesso em 3 mar. 2022.

O que é PDF? **Adobe**, 2022. Disponível em: <<https://www.adobe.com/br/acrobat/about-adobe-pdf.html>>. Acesso em: 19 nov. 2022.

PICHILIANI, Talita. **Gaia: um guia de recomendações sobre design digital inclusivo para pessoas com autismo**. Curitiba: Apris, 2020. *Ebook*. Disponível em : <https://www.amazon.com.br/Gaia-Recomenda%C3%A7%C3%B5es-Digital-Inclusivo-Pessoas-ebook/dp/B08BPGVS87/ref=tmm_kin_swatch_0?encoding=UTF8&qid=1684536485&sr=8-1>. Acesso em: 19 maio 2023

SALES, Daniela. **Guia prático para autistas adultos: como não surtar em situações do cotidiano**. 2019. *Ebook* auto-publicado. Disponível em: <https://www.amazon.com.br/Guia-Pr%C3%A1tico-para-Autistas-Adultos-ebook/dp/B07YP1122L/ref=sr_1_1?mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&crd=NA2LJ3XRXE47&keywords=daniela+sales&qid=1692830992&srefix=daniela+sales%2Caps%2C196&sr=8-1>. Acesso em 23 ago. 2023.

SEGAR, Marc. **O Guia de sobrevivência para portadores da síndrome de Asperger**. *Aspienet*, 27 abr. 2008. Disponível em: <<https://autismofrases.files.wordpress.com/2021/10/guia-sobrevivencia-asperger.pdf>>. Acesso em 23 ago. 2023.

SERIN, Efecan. **Accessible Font A typeface for teaching strategies of autistic individuals based on Latin script**. 2019. Tese (Mestrado em Design Gráfico) – Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha, Instituto Politécnico de Leiria, Caldas da Rainha. Disponível em: <https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/4034/1/Efecan_Serin_thesis_after_recomendation_thesis%20document%20only.pdf>. Acesso em 26 maio 2023.

VALDEZ, Alejandro. **Sarakanda: tipografía y dislexia**. Tumblr, 2008. Disponível em: <<https://alejandrovaldezsabria.tumblr.com/post/76129387650/sarakanda-tipografia-y-dislexia>>. Acesso em 19 maio 2023

WATANABE, Takamitsu; REES, Geraint; MASUDA, Naoki. Atypical intrinsic neural timescale in autism. *eLife*, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.7554/eLife.42256>>. Acesso em 19 maio 2023

ZELIADT, Nycholette. Autism's sex ratio, explained. **Spectrum News**, 2018. Disponível em: <<https://www.spectrumnews.org/news/autisms-sex-ratio-explained/>>. Acesso em 19 maio 2023

APÊNDICE A



Eu e meu primeiro aluno autista, que é uma das vidas que me motivaram a continuar o projeto. Acervo Pessoal.



"A chave para superar o
autismo é compreendê-lo"
Marc Segar

Imagem e frase da última página do ebook. Elaboração Própria.